

O A CONDIÇÃO DE SER PLANTONISTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

CARLA CRISTINA DE ALMEIDA GOMES¹; JUREMA BARROS DANTAS²;
ADRYSSA BRINGEL DUTRA³

¹Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: carladosamu@gmail.com.

²Doutora pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: juremabdantas@gmail.com.

³Psicóloga, doutoranda pelo programa de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: adryssa_bringel@hotmail.com.

RESUMO

Esse trabalho é o resultado da análise da experiência da atuação prática dos alunos de psicologia no projeto Plantão Psicológico vinculado ao LAPFES do departamento de psicologia da UFC. Entendendo a prática do plantão como ferramenta importante para a formação do futuro terapeuta e abrangente em suas ações junto à comunidade, torna-se relevante a análise da experiência dos estudantes na condição de plantonistas. Utilizamos 79 relatos de experiência, produzidos entre 2018 e 2022, como atividade final semestral do projeto. Optamos por um estudo exploratório qualitativo sob a perspectiva fenomenológica, com intuito de uma aproximação da realidade vivida para além da soma das menções dos fatos observados. Os resultados mostraram que o plantão é uma prática diferenciada da clínica tradicional, importante para a formação por contribuir com a experiência prática e a produção efetiva de ações de cuidado, fazendo pensar o fazer psicológico deslocado da rigidez técnica do contexto acadêmico e ainda, como ferramenta de política pública, que abraça diferentes realidades sociais e acolhe diversas demandas clínicas.

Palavras-chave: Clínica contemporânea; Contemporaneidade; Plantão Psicológico.

THE CONDITION OF BEING ON DUTY: CHALLENGES AND POSSIBILITIES

ABSTRACT

This work is the result of an analysis of the psychology students' practical work experience at the Psychological On-Duty Project, coordinated by LAPFES and linked to the Federal University of Ceará's Psychology Department. Understanding the on-duty practice as an important instrument for training future therapists while also as an embracing practice for its actions within the community, it becomes relevant to analyze the students' on-duty work experience. We used 79 reports, produced between 2018 and 2022. We opted for a qualitative exploratory study from a phenomenological perspective, with the objective of capturing the living reality, beyond the sum of the mentions of the observed facts. The results showed the Psychological On-Duty is a differentiated practice from the traditional clinic, which is important for training therapists as it contributes to their practical experiences and the effective production of care actions, allowing them to think of the psychological practice displaced from the technical rigidity of the academic context, and also as an instrument for creating public policies, which embraces the different social realities and welcomes diverse clinical demands.

Keywords: Current clinical trend; Contemporaneity; Psychological On-Duty.

1 INTRODUÇÃO

O Plantão psicológico é uma modalidade clínica com foco em atendimento a pacientes em momentos de dificuldades emocionais e sofrimentos intensos e pontuais. O aluno plantonista, estagiário ou extensionista se coloca à disposição na clínica escola em dia e horário previamente definidos para acolher a pessoa que busca o serviço de forma espontânea ou por encaminhamento, acolhendo e intervindo com intenção de que o cliente/paciente possa

compreender melhor sua questão e assim encontrar alívio para sua dor emocional (DOESCHER; HENRIQUES, 2012).

O Laboratório de estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade- LAPFES vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará inovou em 2015 quando passou a oportunizar aos alunos de psicologia, vinculado a diferentes instituições de ensino e cursando diferentes semestres da graduação, a oportunidade de atuarem como plantonistas na clínica escola de psicologia sob a supervisão da coordenadora do projeto.

A ideia de construir este estudo partiu dessa experiência prática vivida e percebida no próprio serviço, quando surgiram inquietações acerca de quais percepções e sentidos emergiram aos discentes envolvidos nesse encontro clínico, se havia antes de cada atendimento uma preparação específica ou se a sensação de insegurança que experimentamos seria resultado da pouca experiência em atendimentos clínicos.

Compreendendo que a prática do plantão psicológico se apresenta como parte importante na formação do futuro profissional de psicologia e uma modalidade diversa da prática clínica tradicional, nosso objetivo foi analisar a partir do método fenomenológico, os relatos de experiência apresentados como trabalho final nas disciplinas de estágio e na ação de extensão. O sentido dado às experiências vividas pelos alunos na condição de plantonistas, seus possíveis temores, curiosidades, indagações e percepções foram o foco deste estudo. A relevância do mesmo se constitui em uma possibilidade de, a partir das informações descritas nestes trabalhos, possibilitar maior conhecimento sobre a prática do plantão, facilitando o desenvolvimento terapêutico de futuros profissionais que queiram atuar nesta modalidade e, a partir da percepção de quem atua oferecer maior qualidade na oferta da escuta para a população que usufrui do serviço.

Assim, foram reunidos os conteúdos de setenta e nove expressões de sentido, produzidas pelos discentes ao final de cada semestre de atuação, englobando os anos de 2018 a 2022, que foram analisadas a partir do método fenomenológico, para que chegássemos a vivência de cada um deles escapando de apenas retratar as narrativas dos fatos empíricos. Estruturamos a sequência dessa pesquisa com um breve histórico sobre plantão psicológico e sua relevância na contemporaneidade em seguida, discurremos sobre as especificidades dessa modalidade e o que a faz diversa da prática psicológica tradicional, depois trouxemos à tona algumas condições ou características necessárias para atuação do terapeuta na condição de plantonista. Os resultados foram descritos em categorias que representam o sentido geral da experiência vivida pelos estagiários/extensionistas e foram discutidas e problematizadas ao longo do estudo.

Com a definição das categorias “Contribuição efetiva para a formação do futuro profissional”, “Intensa disponibilidade para cuidar”, “A cada demanda, o inesperado”, “Plantão psicológico como política de cuidado efetivo à comunidade”, “Tempo, uma nova experiência” e “Relação terapêutica única”, esperamos alcançar o objetivo de demonstrar o sentido global atribuído pelos alunos plantonistas a essa experiência prática de atuação.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo qualitativo, realizado a partir do método fenomenológico de análise, onde foram estudados setenta e nove relatos de experiência, produzidos pelos plantonistas/extensionistas, ao final de cada semestre de atuação no projeto Plantão Psicológico do Laboratório de estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade LAPFES, vinculado ao curso de psicologia da Universidade Federal do Ceará entre os anos de 2018 e 2022.

Os estudos fenomenológicos surgiram no início do século XX, idealizado pelo filósofo e matemático Edmund Russel como uma forma crítica de pensar a realidade e diferente dos métodos psicologistas e positivistas que embasavam as pesquisas da sua época. A fenomenologia pode ser entendida como aquilo que se mostra a consciência, ou seja, compreender os discursos da realidade e quais sentidos atribuídos a ela pelo sujeito, o objetivo consiste em chegar o mais próximo possível do pensamento e atitudes do indivíduo ao experimentar algo empírico, que só tem sentido através de sua intencionalidade.

A pesquisa qualitativa por sua vez, permite que sejam feitas coletas de dados de diversas formas como transcrição de entrevistas, registros de observação ou relatos de experiência. Características desse método foram cruciais para nossa escolha na forma de análise, como ser a fonte direta dos dados da realidade e expressos em palavras proporcionando maior entendimento do fato o que não teríamos com números e por servir para análise de processos e não apenas do resultado final o que possibilita a compreensão do significado da narrativa de como surge o fenômeno e seus significados para os alunos de psicologia enquanto plantonistas.

Assim, objetivamos chegar perto daquilo que foi a realidade vivida pelos estagiários/extensionistas indo além da soma das menções dos fatos observados, mas dando sentido às descrições dessa realidade sem, no entanto, buscar verdades absolutas, mas, uma análise compreensiva do fenômeno, afastando-nos de explicações racionalistas ou causais.

Observar um fenômeno por essa lente exige do pesquisador abertura para a expressão da alteridade dos envolvidos, porém, apesar de colocar seus *a priori* em suspensão, ele não é isento ao fenômeno e ao público estudado, pois em sua subjetividade quando narra essas

experiências, também deixa sua subjetividade nos achados fazendo surgir uma intersubjetividade pesquisador-pesquisados típica do método qualitativo de análise.

Para que seja fidedigno, este estudo foi baseado na metodologia apresentada por Giorgi e Sousa (2010) e desenvolvida por Minayo (2012), seguindo etapas de análise que serão a partir de agora descritas. A etapa 1 de ordenação de dados e transcrição não foi realizada uma vez que recebemos os relatos de experiência elaborados e impressos pelos próprios discentes assim, na etapa 2, o primeiro contato com o material se deu com leituras individuais afim de nos aproximarmos do conteúdo expresso, em seguida, releituras sucessivas e ainda de forma individual de cada relato foram realizadas ao passo que fomos permitindo-nos a partir do recurso da impregnação, apreender as primeiras unidades de significação de sentido que, na etapa 4 pudemos organizar e aglutinar rendendo-nos dimensões da realidade experimentada pelo grupo donde passamos não mais a analisar relatos individuais, mas, categorias empíricas contidas nas unidades de significação. Sob a perspectiva fenomenológica, na etapa cinco as unidades de significação foram então interpretadas e analisadas e em seguida agrupadas por similaridade ou complementaridade dos sentidos a elas atribuídos pelo pesquisador e a partir de então, a partir de temas centrais definimos categorias que pudessem representar os sentidos dados pelo grupo a experiência de ser plantonista e que serão em momento oportuno trabalhadas, propondo-nos a uma triangulação destas, com pressuposto teórico de autores da fenomenologia e estudiosos do tema plantão psicológico. Dessa forma, iniciamos com relatos individuais da experiência, agrupamos as unidades de sentido do vivido pelo grupo e depois, por interpretação do pesquisador, definimos e analisamos as categorias.

A fim de ilustrar melhor as etapas trabalhadas, elaboramos abaixo um quadro demonstrativo:

QUADRO 1 – Etapas metodológicas do artigo

Etapa 1	Transcrição de relatos - não realizada – material recebido elaborado e escrito pelo próprio aluno ao final de cada semestre de atuação como parte da avaliação.
Etapa 2	Contato inicial com o material a partir de leituras individuais respeitando o conhecimento e a familiarização com o conteúdo expresso.
Etapa 3	Segunda e terceira leituras dos relatos ainda de forma individual, sem análises ou interpretações, mas, buscando agrupar partes significativas à medida que forem surgindo;
Etapa 4	Fase de interpretação e agrupamento das partes significativas por similaridade ou complementaridade. No método fenomenológico esse agrupamento passa a chamar unidades de sentido que será a partir de agora a base da análise afastando da observação dos relatos individuais.

Etapa 5	Após agrupamento das unidades de sentido, definimos categorias abrangentes o suficiente para contemplar os sentidos que o grupo deu a experiência empírica.
Etapa 6	Discussão teórica a partir de bibliografia sobre o tema e estudos sobre plantão psicológico.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO E RELEVÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

O Plantão psicológico é uma modalidade clínica, com foco em atendimento a pacientes que passam por momentos de crises emocionais e sofrimentos intensos e que procuram de forma espontânea ou por encaminhamento de outros serviços por atendimento psicológico. Surgiu na década de 1970, no Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), vinculado à Universidade de São Paulo e idealizado pelo doutor Oswaldo de Barros Santos e coordenado pela Professora Raquel Lia Rosenberg essa modalidade foi inspirada em uma prática norte americana de atendimento psicológico, imediato e aberto a comunidade, a *Walk-in clinics*. A proposta inicialmente estava embasada na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers e surgiu numa época em que a liberdade de expressão era cerceada pelo regime militar que regia o país na época. Essa prática então, se configurou como uma possibilidade de acolhimento a comunidade, que buscava o serviço para expressar seus sentimentos e também, como um espaço que passou a proporcionar oportunidade de estágio aos alunos de psicologia da disciplina de aconselhamento psicológico. O nome plantão no início indicava a condição de disponibilidade do aluno que ficava a espera do cliente, indicando que os atendimentos eram ofertados a quem buscava pelo serviço de forma espontânea e sem agendamentos prévios independente da faixa etária ou condição financeira, eliminando assim a formação de filas de espera sem, contudo, se concentrar nos atendimentos de demandas reprimidas. (FURIGO et al 2008); (PAPARELLI, MARTINS, 2007).

Entre 1970 e 1980 o modelo se expandiu no Brasil e nos Estados Unidos, porém, em contrapartida a sua extensão e desenvolvimento, muitas críticas sobre sua eficácia também surgiram o que foi importante para fomentar discussões acerca dessa modalidade que foram úteis para a construção desse saber clínico recém criado. Em 1987, o professor Miguel Mahfoud do departamento de psicologia da USP, lança pela primeira vez uma sistematização acerca do plantão, tecendo considerações e discussões sobre sua eficácia em diferentes contextos que renderam a essa modalidade clínica o merecido reconhecimento. Nesses quase 50 anos de idealização, a prática do plantão psicológico já foi implantada em várias clínicas

escola de psicologia em universidades públicas e privada no Brasil e vem se solidificando como uma opção eficaz para o cuidado emergencial de forma mais próxima da comunidade em outros contextos, como escolas, hospitais e clínicas, deslocando a idéia elitista do fazer psicológico e ainda surgindo como prática importante para a formação do futuro terapeuta que tem a oportunidade de entrar em contato direto com o sofrimento humano, amadurecendo seu fazer clínico e compreendendo a importância de estar disponível ao outro, suspendendo seus *a priori* para se aproximar de fato daquele que sofre.

O homem contemporâneo experimenta novas formas de se relacionar com o tempo, com as pessoas e com seus próprios sentimentos, os avanços tecnológicos de um lado possibilitam a realização de inúmeras tarefas, encurta distâncias e agiliza processos, mas, por outro lado exigem a atenção e presença do ser humano quase que integral ao mundo impessoal, colocando em segundo plano sua subjetividade, exigindo mais e mais de sua capacidade intelectual e emocional, suas demandas pessoais se tornam menos importantes ou mais transitórias e não há tempo a perder porque parece que as horas do dia diminuíram e as exigências aumentaram, assim, o plantão psicológico surge como possibilidade de cuidado da urgência, torna-se uma modalidade clínica que supre a pressa, que por sua intensidade na escuta também proporciona ao cliente um intenso encontro consigo mesmo, constituindo uma relação terapêutica que funciona numa lógica diferente da clínica regular afastando-se do movimento de aprofundamento de questões para um alargamento da visão de si e de seu sofrimento. Sendo assim, o mundo atual necessita de uma clínica que esteja mais preocupada com a ética do cuidado do que com a técnica do cuidado se colocando assim como uma clínica contemporânea de cuidado preocupada com a escuta da demanda que chega sem objetivo de enquadrar o sujeito em uma definição estática de comportamento. (SOUZA, FARIAS, 2015).

Na Universidade Federal do Ceará, o plantão psicológico foi inaugurado na clínica escola da universidade através do projeto de extensão LAPFES (Laboratório de estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade) em agosto de 2015 onde extensionistas e estagiários após capacitação, iniciam a prática dos atendimentos sob supervisão da coordenadora do projeto que realiza os atendimentos às terças feiras em dois turnos, manhã e tarde.

Este trabalho se torna importante à medida que, busca compreender para além da formação técnica psicológica que a academia oferece, proporcionando a experiência de viver uma clínica diferenciada que leve em conta o sujeito como imerso numa sociedade que lhe exige presença integral, mas que sufoca sua subjetividade de existência, possibilita ao aluno entender como é oferecer cuidado sem se prender a procedimentos e de vislumbrar a possibilidade de possibilitar efetivamente a inclusão de todos ao cuidado da saúde mental.

4 CONTEXTUALIZANDO O PLANTÃO PSICOLÓGICO

A palavra plantão está associada a serviços prestados por profissionais que se mantêm a disposição de quaisquer pessoas que deles necessitam no momento em que necessitam. Uma metáfora de plantão citada por Barra (2012) ilustra a ideia do que seja plantão, para este autor, a palavra plantão pode ser entendida como “planta grande” que fornece “sombra” àquele que esteja exausto em sua caminhada para recuperar-se e depois seguir em frente. O modelo de plantão psicológico nos remete a essa ideia, o cliente busca o serviço para atendimento de uma questão específica, por não funcionar com filas de espera ele é atendido no momento em que busca o serviço sem determinação de tempo para a escuta uma vez que a relação terapêutica no plantão não se baseia no planejamento, mas, construída à medida que o encontro se desenrola, podendo durar de minutos a horas e com possibilidade de que seja único, se considerado pelo cliente/paciente que foi suficiente para responder aquilo que ele buscou no serviço e caso ainda seja necessário, poderá haver um acordo pactuado entre cliente e terapeuta para um plano terapêutico de curta duração com até quatro encontros ou o encaminhamento para outro serviço externo ao plantão.

A formação em psicologia desde seu reconhecimento como ciência, centrava-se em psicologia clínica, organizacional e escolar, dando um teor do que seria pública ou privada e ainda sob um paradigma médico que objetivava a definição de diagnóstico e a busca pela cura, reduzindo as possibilidades de oferta de cuidado e o acesso à maioria da população. Nesse contexto, surge o plantão psicológico no final da ditadura militar, oferecendo um serviço de escuta qualificada às pessoas do povo que começam então a tomar proximidade do fazer psicológico e solicitando quase que de forma imposta aos profissionais que se adapte a novos locais de atuação e, além disso, que estejam abertos a novos paradigmas e novas possibilidades de atendimento que trazem consigo demandas até então distante de sua realidade e bastante diversas daquelas até então conhecidas na academia e na atuação profissional. (MOTA, GOTO, 2009).

Atender em plantão psicológico abriu a possibilidade dos futuros profissionais de desprender-se da ideia de cura ou a busca de aprofundamento de questões existenciais, mas proporcionar ao cliente autonomia e responsabilidade por suas escolhas facilitando um alargamento da visão do cliente/paciente frente à questão apresentada que passa a ser vista como sofrimento humano sem necessariamente necessitar ser rotulado com um diagnóstico considerando que este sujeito não está isolado, ao contrário, é um ser social e suas questões não estão apartadas de sua história de vida, sua cultura ou contexto social (BARRA, 2012).

O plantonista então se coloca em abertura para um novo fazer psicológico através de indagações que facilitem ao cliente/paciente elaborar novos sentidos sobre a sua dor, acolhe de forma empática e incondicional focando sua escuta no sofrimento e não na descrição dos fatos que o cliente narra, deslocando-se da posição de saber e da busca de respostas que generalizam o sofrimento e aprisionam o sujeito, enquanto faz uso dessa liberdade quanto aos procedimentos aprendidos na academia, o terapeuta está disponível verdadeiramente para a escuta e presente no encontro (MAHFOUD., 2012).

Plantão Psicológico não se confunde com triagem em psicologia, que de acordo com Rocha (2011) consiste em coleta de dados pessoais e queixas apresentadas para um breve diagnóstico para posterior atendimento, procedimento que contribui para o aumento das filas de espera e a possibilidade de agravamento da situação afastando-se do conceito de plantão psicológico.

Procura espontânea do serviço, sem agendamentos prévios, sem distinção de faixa etária ou condição financeira, útil para as mais variadas demandas, sem definição prévia do tempo do encontro ou local físico para acontecer e que proporciona escuta especializada produzindo formas de cuidado para a construção da autonomia do cliente/paciente, são características que fazem dessa modalidade um serviço diferente da prática da psicoterapia convencional, que trabalha numa lógica vinculada ao espaço físico de consultório, com agendamento prévio e consultas previamente esquematizadas.

O modelo de atendimento do plantão psicológico não compete com o modelo de clínica convencional compreendendo que existem casos que necessitam de aprofundamentos de questões existenciais, mas nos casos que podem ser ouvidos em encontros breves e imediatos que proporcionem alívio da dor emocional ao cliente/paciente, contribui de forma positiva para a saúde mental da população e para evitar que a dor se torne crônica, comprometa a qualidade de vida do sujeito e sobrecarregue os serviços públicos de saúde mental. (TASSINARI, DURANGE, 2011).

O imaginário popular compreende o profissional de psicologia como aquele que presta serviço oferecendo cura às pessoas com doenças mentais e entendemos que os alunos de psicologia trazem em sua bagagem cultural certa fantasia de que após sua formação, deverão dar respostas aos pacientes definindo diagnósticos e propostas de cura, sob pena de não serem considerados bom profissional.

O plantão psicológico tem uma lógica diferenciada de trabalho e ao atuar como plantonista, o profissional é levado a repensar sua prática chegando mais próximo do sofrimento do cliente/paciente deslocando-se de seu lugar de saber, nessa oportunidade o

aluno percebe uma prática distante da rigidez das teorias até então aprendidas na academia e diversa dos campos de atuação até então conhecidas do contexto escolar, organizacional ou consultório particular. Diante desse inédito cenário o aluno deverá exercitar uma abertura ao novo, ao desconhecido, podendo sentir-se frustrado e confuso sobre aquilo que julgava entender de psicologia.

Na prática clínica do plantão, o exercício de espera ao não conhecido é constante porque em que pese dominar teorias e procedimentos, o plantonista a cada encontro estará em uma relação única e nunca estará pronto completamente para o atendimento já que a lógica dessa modalidade é a promoção de cuidado que só se efetiva na presença do outro a cada encontro, que de forma genuína e empática o terapeuta considera a história de vida de cada sujeito e respeitando-o em sua subjetividade, assim, assume para si que não é possível abarcar sentimentos tão diversos com fórmulas padronizadas, e se coloca a disposição para o acolhimento da dor que lhe chega a cada plantão.

Rogers (1977) idealizador da Abordagem Centrada na Pessoa aponta que esse comportamento de ser empático e estar disponível ao outro, facilita mais o acesso ao mundo do cliente do que tentar aplicar o conjunto teórico e técnico que o profissional detém.

Considerando que a formação acadêmica tenha em suas bases o ensino de técnicas e procedimentos que enquadram o sujeito numa lógica de saúde e de comportamento, ser plantonista se torna um desafio no sentido de fazer repensar a prática psicológica objetivando conhecer o sentido da experiência e promovendo ao cliente autonomia e responsabilidade sobre si para que busque novas possibilidades para lidar com a sua problemática concretizando assim o cuidado terapêutico genuíno (MAHFOUD, 2012); (VIEIRA, BORIS, 2012).

Ao se colocar numa posição de espectador frente à historicidade do cliente/paciente, o terapeuta deve sentir-se confiante da eficácia do plantão e de suas intervenções, sem, no entanto, assumir para si o papel de resolução do problema do outro sob pena de impedir que aquele que procurou o plantão encontre seus próprios meios de crescimento emocional. Atuar como plantonista então, se coloca para além do cumprimento de formalidades acadêmicas, mas, como uma real mudança de postura social e pessoal do aluno frente ao seu cliente/paciente, levando-o a desconstruir sua concepção sobre tempo de atendimento, dimensão relacional com o cliente e principalmente de seu papel no processo que é de facilitador e não curador (PERCHES, CURY, 2013).

5 RESULTADOS

Os achados neste estudo resultaram em seis categorias que serviram para traduzir o que seja a condição de ser plantonista, vale ressaltar que são resultados do agrupamento de unidades de significação que foram destacadas a partir de perspectivas de investigação do pesquisador. Por ser uma análise fenomenológica hermenêutica não se esgota em um único resultado, portanto, fica a possibilidade de que, em outro momento, outras interpretações possam ser realizadas com base no mesmo material empírico. As categorias foram pensadas de modo a ser abrangente o suficiente para descrever nossa interpretação sobre a experiência do aluno na atuação do plantão e os sentidos que o grupo deu a esta experiência e a análise teórica foi baseada em textos de autores da perspectiva humanista fenomenológica e de estudiosos sobre o tema, sendo que e em alguns momentos, nos valem de trechos dos próprios relatos dos alunos para ilustrar a experiência, sinalizando com as letras RE seguida de numeração definida pelo pesquisador para cada estagiário/extensionista de modo a resguardar o sigilo.

Em nossa análise, tentamos responder como foi para o aluno graduando de psicologia, atender como plantonista durante sua formação, questionamo-nos quais os desafios enfrentados, quais suas aprendizagens e se houve por parte dos alunos preparações prévias que lhes dessem mais segurança nos atendimentos, ou seja, inquietações que propusemos no início deste estudo.

5.1 Contribuição efetiva para a formação do futuro profissional

A categoria formação revela que os alunos extensionistas/plantonistas compreenderam que o exercício do papel de plantonista foi importante para sua formação profissional, no entanto, percebemos que por trás dos relatos deslumbrados com a atividade, encobriu-se certa fantasia em relação à profissão escolhida e que ao exercerem a atividade prática de contato com o sofrimento, certezas se transformaram em dúvidas e abriram novas possibilidades de pensar a prática psicológica, o que valorizou ainda mais a experiência no papel de plantonistas.

Como apontado anteriormente, desde a sua consolidação enquanto ciência a estrutura formativa da psicologia sempre esteve limitada à clínica, à escola ou às organizações, limitando o papel do profissional e restringindo sua atuação, pensar uma clínica que aconteça de modo diverso desses contextos desafia o aluno a despir-se de suas concepções acerca da profissão para se colocar de forma crítica frente aos padrões de promoção de saúde mental desvinculados de local físico de atuação ou do cumprimento de normativas. Em outra análise, a formação em psicologia tem influência dos padrões da ciência biomédica de atendimento, que valoriza o saber técnico com aplicação de procedimentos e a busca de diagnósticos e cura, legitimando assim a superioridade do saber acadêmico frente ao paciente e colocando o profissional distante

nessa relação, desvalorizando o encontro humanizado e comprometido com a qualidade de vida do outro de forma a respeitar sua individualidade e autonomia e deixando de contribuir para a diminuição de desigualdades e a garantia de direitos (REBOUÇAS E DUTRA, 2010).

Não há de se ignorar que, desde sua regulamentação, foram registrados avanços na prática psicológica, porém, como a academia se mantém numa perspectiva conservadora, essas tecnologias se perdem, causando desencontro entre as diversas demandas do homem contemporâneo e àquilo que a formação ensina aos futuros psicólogos. A sociedade moderna clama por profissionais que estejam atentos ao sentido dado às experiências, que esteja disponível para uma escuta verdadeiramente empática, não se restringindo a espaços físicos para exercer seu papel, pois o psicólogo é cobrado ao encontro, para acolher e promover cuidado a partir da singularidade do outro levando em conta sua historicidade e contexto social abstendo-se de valorizar o seu saber mais que o sujeito que sente (RUDA et al, 2019).

O plantão psicológico, objeto de nosso estudo, cumpre com a condução prática dessa premissa. Ao entrarem em contato com o sofrimento do paciente, perceberam a intensidade de atuar como plantonistas e o quanto a prática pôde contribuir para seu desenvolvimento profissional, apontaram que ao longo dos atendimentos, houve notório amadurecimento do fazer psicológico, que a modalidade ofereceu a oportunidade e a responsabilidade de um mergulho na relação terapêutica, que a supervisão, que aconteceu em grupo, aprimorou a construção dos saberes, potencializando ao extremo o aprendizado e fazendo-os perceber que a teoria por si só não faz com que se sintam de fato terapeutas e que tal aprendizado não seria possível em sala de aula.

A clínica verdadeiramente comprometida com as pessoas, busca novos sentidos, ousa, arrisca e inventa no acolhimento às subjetividades, estando sempre em transformação e em movimento. Na contemporaneidade a clínica psicológica deve proporcionar o trânsito entre os saberes teóricos e práticos, estabelecendo cuidado integral ao paciente, características do plantão psicológico. De acordo com a análise desse estudo, os relatos descrevem a experiência de uma oportunidade de atuação prática e além disso, como um espaço para o aluno abrir-se ao novo e de reinventar sua aprendizagem para além da ampliação de teorias e práticas, mas amadurecer aspectos intelectual, afetivo e visceral do estagiário. (REBOUÇAS; DUTRA, 2010); (MOTA; GOTO, 2009).

O plantão psicológico parece figurar como um espaço de compreensão do fazer clínico, mas, sobretudo, como um espaço de viver de forma tangível o tornar-se terapeuta. O plantão psicológico com todas as suas especificidades coloca em cena a premissa do encontro e a construção necessária de habilidades práticas, empatia e compreensão da diversidade. O

plantão torna-se uma oportunidade efetiva de formar nossos futuros profissionais numa articulação genuína entre teoria e prática, oportunizando que esses alunos possam experimentar a prática clínica em momentos distintos da graduação, tensionando uma formação abrangente, contextualizada e comprometida com novas ações de cuidado em psicologia.

Alguns trechos das narrativas dos próprios estagiários nos auxiliam a perceber a dimensão dessa experiência:

RE 44: “... por mais que se tenha um bom suporte teórico sempre é algo surpreendente a experiência do plantão...”

RE 77: “(...) nada é mais especial do que a prática e a oportunidade de desenvolver as habilidades necessárias para que eu como futura profissional reconheça o outro em sua integridade (...)”

5.2 Intensa disponibilidade para cuidar

O filósofo alemão Martin Heidegger (2018), em sua obra *Ser e Tempo*, define cuidado como modo próprio de ser do *dasein*. *Dasein* é um termo usado pelo autor para descrever a realidade humana, o ente humano a quem o Ser pode se abrir. Cuidado, consiste na condição que o humano tem de compreender-se a si mesmo como lançado num mundo de possibilidades e, portanto, inacabado. O homem só existe em relação, inclusive, com outro *dasein*, e é assim, na relação, que o Ser é cuidado, ou seja, enquanto existimos o fazemos enquanto cuidado. Sendo o cuidado a condição de possibilidade de toda e qualquer relação, podemos apontar que a própria relação estabelecida nos encontros em plantão são possibilidades do cuidado. Possibilidades que nos lançam a modos próprios de acolher, compreender e sustentar a dor do outro.

Observamos que o aluno chega ao plantão psicológico com bastante disposição para prestar um bom atendimento e para isso, não poupa esforços em buscar leituras, discussões sobre os casos e outras ferramentas preparatórias. O cuidado para o acadêmico parece estar circunscrito no conhecer e dominar as técnicas e teorias para quando for solicitado a cuidar, possa dar respostas baseadas em seu conhecimento adquirido. Contudo, ao entrar na sala de atendimento e se ver diante de alguém que traz uma demanda de intenso sofrimento, os alunos relataram que muitas vezes não sabiam o que dizer ou o que fazer, ainda que tivessem dedicado tempo de estudo ou participado de discussões na supervisão.

Na atuação, o plantonista é colocado de frente a outro *dasein* e dar-se conta que o cuidado não se resume ou se esgota no ato de cuidar. A disponibilidade do plantonista reside em estabelecer uma relação verdadeiramente interessada no outro, uma relação que, ao modo da pré-ocupação, colabora para que o outro encontre outras ou novas estratégias de cuidar de si, ou melhor, de olhar para seu próprio sofrimento em busca de maior ampliação, compreensão e

possível enfrentamento do mesmo. O plantão psicológico nos abre para um certo inacabamento próprio ao existir humano e nos lança em uma relação de cuidado pré-ocupado e libertador, voltado as possibilidades daquela relação de ajuda. Uma relação que ao cuidar não aprisiona, não percebe o paciente como nosologia, não se preocupa em fazer o melhor encaminhamento, mas, assenta-se na resoluta obrigatoriedade de ser presença para o outro. “o encontro com aquele que na sua urgência nos procura é também um momento do cuidar, isto é, de se ocupar com a pessoa que nos procura – dirigirmos nossa escuta e atenção a ela; de nos “pré-ocuparmos” com esta, tendo legítimo interesse pelo que nos traz. (Doescher & Henriques, 2012, p. 718).

Emerge nos relatos a intensidade do momento em que o acadêmico se dá conta dessa realidade e percebe que não estará pronto em nenhum atendimento, pois cada encontro é único e novo ainda que aconteça com a mesma pessoa porque ambos são abertura existencial, possibilidades e movimento. Essa percepção abre ao futuro terapeuta a liberdade e responsabilidade de ser autêntico consigo mesmo compreendendo que tanto ele como o paciente a sua frente, possuem capacidade de compreensão, reflexão e mudança frente às questões emocionais trazidas no encontro clínico. Esse movimento desloca o terapeuta da concepção de que cuidar seja algo ensaiado e aprendido, para ser cuidado na própria relação enquanto presença genuína e interessada no outro, além disso, compreende que o aporte teórico é importante na função de iluminar o sentido dado a narrativa da experiência que o paciente traz, mas não para defini-lo ou enquadrá-lo em um modelo padronizado de comportamento (LESSA; NOVAES DE SÁ, 2006).

RE 6: “A abertura necessária ao plantonista o aproxima do não dito, por vezes sufocado entre as características médicas e diagnósticas que, na contemporaneidade, marcam o indivíduo e, por vezes, o limitam.”

RE 39: “... ser plantonista é ser atravessado pela sensação de entrega de estar disponível para aquele que demanda atenção, sem estar voltado apenas para um possível transtorno ou diagnóstico, mas sim para a construção de sentido a partir dessa demanda...”

RE 74: “... Ao nos debruçarmos como uma possibilidade clínica palpável, no sentido de uma experiência prática, além de modelos normativos do fazer clínico tocamos e somos tocados por uma vivacidade e uma tomada de consciência que desperta ao plantonista um sentimento de presença muito forte.”

5.3 A cada demanda, o inesperado

O termo “inesperado”, por si só, pode causar incômodo, se algo não está previsto, não é esperado, impede que haja preparação prévia para o acontecimento. E foi esse o sentimento

percebido nos relatos de experiência onde os alunos apontam medo e insegurança que experimentaram a cada atendimento no plantão.

Medo por sua vez, é uma emoção inata ao humano e importante em momentos que ele se percebe em situações de ameaça ou que entende não ter controle, causando a sensação de insegurança. “Na fenomenologia, medo é uma disposição afetiva, um modo existencial básico inerente ao *dasein* porque é lançado num mundo de possibilidades desconhecidas e por serem desconhecidas são consideradas ameaças.” (HEIDEGGER, 2018, p. 202). Se medo é inerente ao *dasein*, buscar a ideia de controle é algo ilusório já que ser *dasein* é estar imerso num mundo de possibilidades onde a existência é puro *devenir*. Assim, o desconforto de não saber o que virá pressupõe que em algum momento o plantonista entendeu que pudesse controlar o encontro e ao perceber que não é possível, sentiu-se destituído de seu lugar de saber, fazendo surgir o sentimento de impotência frente ao inesperado. Por não deter o controle daquilo que julgava poder controlar, restou ao aluno aprimorar sua escuta e se colocar de fato presente no encontro, considerando que o momento é construído à medida que a sessão se desenrola. Nos relatos de experiência, os alunos narram o seu desconforto por lidar, a cada atendimento, com demandas diversas e reações diversas frente aos acontecimentos. Percebeu-se na prática, que não há uma resposta padrão para determinada queixa ou uma única forma para lidar com questões semelhantes, o contexto inesperado de como o cliente entende o fato, de como lida com ele e como o terapeuta acolhe a demanda foi o ponto alto compreendido nessa categoria, por isso, atender no plantão psicológico exigiu o mergulho que fizeram na relação com o cliente, perfazendo uma relação de mão dupla de trocas e interações.

Essa disponibilidade radical ao inesperado faz surgir uma abertura genuína ao outro e uma disposição autêntica para o cuidado, uma vez que se liberta da obrigação de dar respostas prontas ao cliente, o terapeuta fica livre para a experiência do atendimento que poderia ser sufocado se encoberto por teorias e procedimentos a cumprir. A experiência de uma ação clínica que lança o plantonista em diferentes situações afetivas e diante de diversas demandas psicológicas coloca um olhar de potência ao inesperado. Isto porque o plantão nos convoca a um deslocamento fundamental para cuidar. Enquanto presença o plantonista encontra-se à disposição para construção dessa atenção psicológica para além de qualquer normativa categórica.

Nas versões de sentido, os alunos narram em alguns momentos esse desconforto frente ao desconhecido, mas, emerge também como fenômeno o mergulho que fizeram na relação com o cliente. De tal modo que o plantonista então se dá conta que a relação não diz respeito ao que eu vou encontrar, mas, sim minha disposição em estar. Estar diante da dor, da urgência

psíquica, do desconforto, da vulnerabilidade humana. Estar inteiro pois trata-se de um encontro de duas aberturas ao mundo, um encontro que coloca em cena nossa própria humanidade

Quando um paciente chega ao plantão psicológico não espera fazer discussões teóricas ou filosóficas sobre sua situação, espera sim, encontrar alguém que possa ouvi-lo em sua dor, que compreenda e acolha seus sentimentos que naquele momento representa um desmoronamento de seus próprios recursos, cabe ao plantonista então compreender que a prática não se traduz em responder a uma demanda, mas acolhê-la para que a pessoa reconstrua a partir de si mesma novas estratégias para sua própria história. (BRESCHIGLIARI, JAFELICE, 2015).

RE 2: "... essa experiência vem me colocando de frente com uma amplitude de subjetividades e situações inesperadas que exigem uma constante reflexão e busca de elementos que me auxiliem na prática."

RE 38: "Não é fácil encontrar a palavra certa para falar, a expressão certa para dizer, a postura corporal a comunicar. Mas sinto não sucumbido ao próprio ego quando as coisas foram bem e nem fracasso quando escolhi a pior estratégia... a verdade é que preparação teórica, embora crucial, não nos prepara para o plantão."

RE 72: "... Lidar com o inesperado não era simples, tampouco difícil, mas potente no sentido de me fazer moldar a cada relação, não sendo engessada seguindo formas de intervir."

5.4 Plantão como política de cuidado efetivo para a comunidade

Em nossa contextualização sobre o plantão psicológico, enfatizamos a importância de o profissional estar atento à realidade social e demandas da sociedade contemporânea. A psicologia, ao longo de sua história, se constituiu como uma ciência para uma classe de pessoas abastadas financeiramente e inacessível à maior parte da população, principalmente as que não tinham condição de arcar com investimento semanal do tratamento.

A realidade hoje não é diferente, com a grave desigualdade social brasileira o acesso à psicologia é restrito, fazendo com que a população mais carente busque algum auxílio para suas questões emocionais nas unidades de saúde pública que, por não dispor de recursos pessoais suficientes acabam priorizando casos mais graves aumentando as filas de espera e contribuindo para que casos que pudessem ser resolvidos com brevidade através de uma escuta especializada acabem, pela demora no atendimento, tornando-se crônicos e graves.

O plantão psicológico, por ser uma modalidade que atende o paciente no momento em que procura, tem se mostrado uma importante ferramenta para promoção de saúde mental, funcionando como política pública de inclusão das diversidades e em situações em que a prática convencional não alcança. Na clínica escola ou em outros equipamentos de saúde o plantão vem contribuindo para evitar o aumento das filas de espera podendo ser uma

modalidade que, em conjunto com o serviço público de saúde mental, aumenta os recursos humanos alcançando um maior número de pessoas, disponibilizando cuidado no momento de crise através de escuta especializada e ainda, proporcionando ao aluno de psicologia a oportunidade de atuação prática, próximo do contexto social e contemporâneo da comunidade, já que as demandas geralmente estão perpassadas por questões relacionadas à realidade em que as pessoas vivem.

A modalidade do plantão psicológico não surge como proposta única para acolher todo tipo de demanda, tampouco como substituição à psicoterapia convencional de consultório particular, mas, através das clínicas escola, aproximar a comunidade e oferecer acesso a um serviço psicológico de qualidade. (GONÇALVES et al, 2016); (VIEIRA, BORIS, 2012). As descrições da experiência contempladas nessa categoria são de satisfação e entendimento do aluno que percebe através da sua prática, que tem um papel transformador da realidade social.

Relatam que a experiência contribuiu para ampliar sua visão da importância do fazer psicológico para a promoção de qualidade de vida da sociedade, relatam ainda que pela diversidade de demandas e peculiaridades da realidade vivida pelos clientes, puderam desenvolver habilidades clínicas, ajustando-se às necessidades e adequando vocabulário para que se fizessem compreendidos pelo cliente, acreditam ter realizado intervenções concretas na direção da promoção de saúde e autonomia e um esforço contínuo para que o encontro fosse de fato acolhedor ao paciente.

Essa categoria se tornou peculiar para nossa análise, pois apesar dos alunos perceberem o papel social e transformador da prática psicológica, chama atenção o fato de pensar que apenas ao viver a experiência do plantão é que os acadêmicos tenham se dado conta do papel da psicologia na sociedade. Aparece nas narrativas como algo inédito levantando questões sobre como a academia tem pensado nessa temática e se a formação acadêmica não tem sido em maior ou menor grau mais focada em questões técnicas de atendimento em detrimento das realidades humanas e a necessária reinvenção da prática clínica. O plantão parece colaborar com novos olhares, ações de colhimento e intervenção, perspectivas amplas de saúde mental e a desconstrução de um lugar engessada para a escuta psicológica. O plantão psicológico se insere, por sua natureza e objetivo clínico, no contexto das novas abordagens em saúde mental.

Vejamos alguns relatos que ilustram essa vivência:

RE 02: “... o plantão psicológico desconstrói a vertente tradicional socialmente restritiva da clínica psicológica dando amplitude à psicologia como uma modalidade profissional dinâmica e contextualizada no âmbito social...”

RE29: “... estar no plantão psicológico também se torna importante por promover o profissional em formação uma possibilidade de contato com a

comunidade... presenciando o sofrimento que essas temáticas que são intrinsecamente contemporâneas trazem, mas ainda assim notando o quanto é perpassado pela cultura e situação sócio político e econômico local.

RE 71: “...as possibilidades de melhora que o plantão muitas vezes propiciou mostram quão valioso é um serviço do caráter do plantão: acessível à população e benéfico no auxílio aos consulentes em seus momentos de urgência.”

5.5 Tempo, uma nova experiência

O tempo cronológico pode ser compreendido como um intervalo definido que tem duração, continuidade e sucessão, certamente para falar da experiência humana, essa definição não nos basta. O tempo cronológico traz marcadores que parecem não fazer alusão aos nossos sentimentos, experiências vividas e lembranças sobre a transcorrer da nossa existência que é temporal. Estabelece-se uma relação com o tempo que não se explica pelos ponteiros de um relógio. Trata-se de uma relação de sentido e significado acerca do que vivemos ou viveremos. Um tempo vivido que diz do nosso próprio existir, um tempo que nos permite alargar a compreensão dos diversos eventos, sentimentos e situações do viver humano.

O tempo vivido parece fazer jus aos encontros clínicos em plantão psicológico. A experiência do plantão distinta de uma clínica tradicional, por vezes, marcada pelos minutos pré estabelecidos da sessão, revela a tessitura de encontro que percebe, conhece e sustenta o vivido do paciente. O plantão psicológico então, não está pautado no contar das horas, mas sim, nas nuances do próprio encontro na busca por acolher as diversas enunciações de sofrimento psíquico. Desvela-se um tempo que se relaciona com a experiência humana do existir e pode ser de muito aprendizado, de grande alívio, de instabilidade emocional, tudo a depender da experiência vivida.

Para o professor Miguel Mahfoud (2012), a forma de enfrentar a problemática trazida pelo cliente, se definirá no próprio processo de plantão e com a participação efetiva de ambos, sem tempo determinado. A experiência de um atendimento sem tempo definido trouxe angústia aos alunos. As narrativas tentam descrever momentos em que os acadêmicos não sabiam se era o momento de encerrar a sessão e ao encerrar, muitos questionamentos se o tempo foi suficiente. Nota-se que os plantonistas estavam no tempo vivido, mas buscavam resposta no tempo cronológico. Analisar a questão do tempo da sessão, nos fez compreender que a clínica psicológica não se sustenta em protocolos a serem seguidos e limites de tempo a serem contados, mas, no verdadeiro acolhimento do sofrimento e, durante a experiência como plantonistas, os alunos percorreram um processo de familiarização com a ideia de que o sofrimento não pode ser mensurado ou cronometrado e puderam experimentar através de suas

próprias experiências o tempo vivido no encontro clínico. Nos relatos, os discentes contam que muitas sessões pareciam intermináveis e exaustivas, minando suas energias e quando olhavam o relógio, tinha passado apenas 10 minutos, outras em que havia muito a ser dito e ouvido, mas o tempo avançou exponencialmente e antes que pudessem pensar numa estratégia precisaram encerrar.

Para além da desconstrução de que a clínica se faz com determinado tempo e em local definido, o plantão psicológico também desconstrói a ideia de que a clínica se faz na expectativa do próximo encontro e com a suposta continuidade do projeto terapêutico. Isto porque o plantão convoca a uma experiência de urgência com o tempo porque traz de uma forma visceral o fato de que a clínica não trabalha com as garantias de que o paciente volte. O plantão psicológico, em todas as suas possibilidades de cuidado, tem no atendimento único, por vezes, a potência e urgência do encontro com o outro, isso evidencia a sua radicalidade na experiência clínica.

O plantão psicológico volta-se para aquele encontro sem expectativas de retorno, sem adiamentos do fazer clínico, sem planejamentos prévios. Toda sua ação acontece no próprio ato do encontro, na oferta genuína de escuta empática, na possibilidade de tecer junto ao paciente outras compreensões sobre o seu sentir. Um encontro que ganha valor e importância exatamente por sua efemeridade. Se sustentar plantão psicológico reside no verdadeiro ato de disponibilidade, não contar com um tempo exato de atendimento ou com a garantia do retorno para o cuidado é por si só terapêutico à medida que coloca ao plantonista a possibilidade de abertura autêntica e genuína para a condição da existência do outro.

Vejamos alguns desses relatos de angústia em relação ao tempo:

RE14: "... mesmo com encontros incertos e durações variáveis, ainda é possível que este serviço encontre como um espaço de criação de afetos que mobilizam sujeitos, podendo ser o início de um processo de autoconhecimento..."

RE 33: "... percebi a influência da variável tempo na sessão... os melhores elementos foram por ele explicitados após tentativas de encaminhar a um fechamento... destaca-se assim a potencialidade do inesperado e da característica temporal do plantão."

RE40: "... mesmo atendimentos únicos foram capazes de se mostrar completos, dentro da situação trazida pelo cliente como emergencial... elementos como vinculação, adesão ao acompanhamento, ressignificação, são possíveis nessa modalidade"

RE 072: "... Outros desafios na minha experiência eram em relação a ter o feeling que era tão falado nas supervisões sobre perceber quando o tempo do atendimento tinha sido suficiente e quando ele seria atendimento único."

5.6 Relação terapêutica única

Na perspectiva fenomenológica, o homem não possui essência antes de sua existência real e concreta e atuar no plantão psicológico impõe ao terapeuta uma compreensão de que essa condição existencial se encontra lançada em mundo de possibilidades e se constitui numa relação co-originária com o mundo. Pensar relação é pensar a própria existência e seu horizonte histórico de sentido. Trata-se de um convite radical a suspensão de *a priori*s e julgamentos: o exercício da atitude fenomenológica.

De modo usual, a depender da abordagem e da escola psicológica, teremos distintas percepções sobre a relação terapêutica e seus constitutivos. Enquanto modalidade clínica de atendimento, o plantão psicológico coloca em cena um olhar sobre a relação terapêutica. Tal relação não está atravessada por um determinado número de encontros, pelo contrário, ela é marcada pela vicissitude do agora e pela compreensão do sofrimento humano sustentador do encontro clínico. Se somos essencialmente relacionais, tal condição não se retira no momento do atendimento em plantão, mas sim, se apresenta como princípio para essa relação de escuta e fala. Enquanto relação, o encontro em plantão psicológico baseia-se no respeito aquilo que mostra de modo próprio, na postura ética de não julgamento aquilo que se revela, na exigência de ir aonde o outro se encontra e, sobretudo, na sustentação de um olhar compreensivo e hermenêutico no encontro clínico. Justamente no ser-com meu paciente as situações clínicas se desvelam e outros possíveis se tecem. O plantão psicológico se mostra como cenário de apreensão e compressão das diferentes narrativas de vida em busca de protagonismos e de singularidade. Trata-se de uma relação que reconhece e legitima o sofrimento no convite a uma aproximação e reinvenção do mesmo.

Até aqui percebemos o quanto foi desafiador para estes alunos de psicologia se colocarem nesse lugar de cuidado, nas categorias anteriormente discutidas surge com bastante intensidade a mudança de paradigmas e o deslocamento afetivo e visceral do plantonista. Todo esse deslocamento é o que proporciona a construção da relação com o cliente não de forma planejada e técnica, mas com mudança de visão e postura na entrega do momento. Em nossa análise, o amadurecimento terapêutico foi um processo que foi se solidificando para os alunos à medida que os encontros foram acontecendo, a partir da supervisão dos casos em grupo e das pontuações dos colegas, cada estagiário/extensionista passou a perceber-se na relação, afastando-se de seu lugar de saber e oferecendo sua presença ao cliente.

Quando os alunos narram suas experiências com o cliente, fica claro que se desprenderam do compromisso de acertar na resposta, aproximando do sofrimento do outro, compreendendo a necessidade de fala do cliente e ficando presente compreendendo que isso,

por si só alivia sua dor e proporciona ao terapeuta liberdade de estar ao lado do cliente e não acima das dores humanas trazidas em cada seção. As narrativas que nos baseamos para a categoria relação terapêutica demonstraram o quanto a experiência de atuar como plantonista foi intensa, o quanto os alunos passam a exercitar a atitude fenomenológica de forma mais dinâmica esforçando-se para que a escuta fosse atenta e empática. Nota-se ainda que viveram algo tão intenso a cada encontro, que talvez as palavras não consigam traduzir, mas que alterou a forma de pensarem a psicologia acreditando de fato na potencialidade de seus atendimentos.

Separamos alguns trechos dos relatos na intenção de apresentar essa experiência:

RE 36: “Em todos os atendimentos era desafiador se deparar com todos aqueles rostos... tudo aquilo me atravessava... convidando-me a tematização e reflexão de minha própria condição existencial de finitude.”

RE 38: “... eu me questiono se algo me prepara para cada paciente novo que atendemos. Fazer plantão é estar no plantão.”

RE 74: “Foi extremamente forte e cru, diria até desconfortável, estar com uma pessoa estranha em uma sala, desabafando e buscando aconselhamento ou direcionamentos sobre sua vida, mas não foi ruim, foi real.”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo analisar, por meio de relatos escritos no final de cada semestre, como foi a experiência dos alunos de psicologia na atuação como plantonista no projeto Plantão Psicológico do LAPFES entre os anos de 2018 e 2022. A pesquisa seguiu o método fenomenológico de análise a fim de que pudéssemos chegar o mais próximo da realidade vivida e daquilo que surge a consciência dos alunos na atuação como plantonistas. Por meio deste estudo foi possível compreender os desafios e as possibilidades que essa prática proporcionou aos discentes e que contribuições para sua formação acadêmica vieram dessa experiência. Para nos aproximar desses sentidos atribuídos pelos alunos utilizamos os relatos produzidos por eles e também buscamos bibliografias já produzidas sobre o tema e materiais de professores estudiosos sobre plantão psicológico.

Assim, após extensivo contato com as experiências narradas e leituras sobre essa modalidade clínica de atendimento, fica claro que atuar no plantão psicológico exige uma abertura radical do plantonista ao encontro com o outro, que atuar no plantão é estar em um terreno do inesperado, pois cada encontro no plantão é único e se desenrola à medida que acontece, sem nenhuma garantia de como será.

De imediato, descartamos nossa hipótese de que exista uma preparação prévia, que seja suficiente para cada atendimento, além disso, houve um deslocamento da ideia rígida de clínica tradicional estruturada e delimitada no tempo para encontrar no plantão psicológico uma

alternativa de atendimento em que o profissional está de fato preocupado com o cliente e que, para além das teorias que possa acumular, estar no plantão exigiu dos alunos uma mudança de postura frente ao paciente, postura essa que fosse empática e interessada, que considerasse o homem como inserido num contexto social onde suas demandas são perpassadas por sua realidade. Uma modalidade que possibilitou o desvelar de terapeutas compromissados com a ética do cuidado.

Os desafios de desconstrução de uma ideia cristalizada do que seja o atendimento psicológico, da ideia de cura e de que o saber profissional esteja acima do saber do paciente, estiveram presentes nos relatos colocando os futuros terapeutas numa situação de medo e insegurança, mas ao mesmo tempo de liberdade para sua atuação, rompendo com seus limites e convidando a pensar um novo jeito de promoção de saúde mental para além do cumprimento de procedimentos técnicos ou padronizados.

A prática clínica e seus processos no plantão psicológico se colocam pela imprevisibilidade e por isso a experiência se tornou tão intensa. O potencial do plantão para os envolvidos abriu a possibilidade, a partir dos sentidos dados a experiência, de uma formação única, já que cada estagiário se percebe construindo sua trajetória de forma singular, alicerçados em suas experiências de contato com o outro, autônomos para atuar numa lógica diferente de presença.

O plantão amplia sua visão de cuidado, promove o desenvolvimento de habilidades clínicas de forma livre e autênticas. Esses pontos são somados ao estudo teórico continuado, ao aprendizado na condução de uma sala de espera, ao exercício do registro dos atendimentos realizados, as trocas profícuas nas supervisões em grupo bem como o conhecimento da rede intersetorial de saúde e o olhar crítico sobre o que o plantão pode oferecer a comunidade em geral. Ficou evidente também, que os alunos compreenderam que estarão sempre em construção em sua atuação clínica e que mais do que encontrar respostas prontas para o cliente, sua presença e a radical abertura ao outro é potencialmente terapêutico no atendimento.

As seis categorias definidas, “Contribuição efetiva para a formação do futuro terapeuta”, “A cada demanda, o inesperado”, “Intensa disponibilidade para cuidar”, “Plantão como política de cuidado efetivo a população”, “Relação terapêutica única, e “Tempo, uma nova experiência”, devem ser vistas como dimensões de uma mesma experiência que contribuiu significativamente para a formação acadêmica dos alunos desconstruindo a lógica acadêmica de cuidado, e convidando a uma reflexão crítica em sua atuação que não subestime a historicidade e autonomia do cliente.

Em tempo, observamos que além de oferecer oportunidade ao aluno de psicologia para que tenha contato prático com o atendimento, o plantão psicológico oportuniza acesso e proximidade da população ao serviço de psicologia, e que o trabalho se realizado em conjunto com os equipamentos de saúde da rede pública, pode ser bastante agregador para o cuidado dessa população, diminuindo filas de espera e evitando que casos de menor gravidade se tornem crônicos pela falta de acesso a uma escuta especializada e de qualidade. O plantão psicológico configura-se assim, como espaço de acolhimento, promoção e intervenção em saúde mental.

Essa análise fenomenológica possibilitou chegar próximo do sentido atribuído pelos atores em relação a uma vivência empírica sem, no entanto, esgotar as possibilidades de novas interpretações a partir de outras perspectivas, assim, esse trabalho não teve a pretensão de encontrar verdades absolutas, mas iluminar alguns aspectos da experiência desse grupo de alunos na atuação como plantonistas na Universidade Federal do Ceará.

REFERÊNCIAS

BARRA, T. Y. **Experiência de psicólogos em plantão psicológico: introduzindo o atendimento a famílias**. Dissertação – Departamento de Psicologia, Pontifícia Católica, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15124/1/Tiago%20Yehia%20de%20la%20Barra.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2022.

BRESCHIGLIARI, J. O.; JAFELICE, G. T. Plantão Psicológico: ficções e reflexões. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 35(1), 225-237, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/4Cdp6bFW5svLcxJvyfy3STP/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 04 abr. 2022.

DOESCHER, A. M. L., & HENRIQUES, W. M. Plantão psicológico: Um encontro com o outro na urgência. **Psicologia em Estudo**, 17(4), 717-723, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/jNLH8JRLF5SZ5kx6KSGmDwK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 05 mai. 2022.

FURIGO, R. C. P. L., et al. Plantão psicológico: uma prática que se consolida. **Boletim de Psicologia**, 58(129), 185-192, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a06.pdf>>. Acesso em 05 mai. 2022.

GIORGI, A., & SOUSA, D. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: *Fim de século*, 73-91, 2010.

GONÇALVES, L. O., FARINHA, M. G., & GOTO, T. A. Plantão psicológico em unidade básica de saúde: atendimento em abordagem humanista-fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, 22(2), 225-232, 2016. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200015>. Acessado em 02 mai. 2022.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** (4ª impressão). Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

LESSA, A. M.; NOVAES DE SÁ, R. A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. **Análise Psicológica**, 24(3), 393-397, 2006. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenolo.pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/A%20relacao%20psicoterapeutica%20na%20abordagem%20fenomenolo.pdf)>. Acessado em 02 mai. 2022.

MAHFOUD, M. **Plantão psicológico: Novos horizontes**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012.

MINAYO, M. C. D. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, 17, 621-626, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?lang=pt>>. Acessado em 15 abr. 2022.

MOTA, S. T.; GOTO, T. A. Plantão psicológico no CRAS em Poços de Caldas. **Fractal: Revista de Psicologia**, 21(3), 521-530, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/7kc6bDJZjbGGnVqN3zdZ3Rv/abstract/?lang=pt>>. Acessado em 05 mai. 2022.

PAPARELLI, R. B., & NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. **Psicologia: ciência e profissão**, 27(1), 64-79, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/KJXv6N8sd5SJDwntPYsr9xC/?lang=pt>>. Acessado em 05 mai. 2022.

PERCHES, T. H. P., & CURY, V. E. Plantão psicológico em hospital e o processo de mudança psicológica. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 29(3), 313-320, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17616/16979>>. Acessado em 20 mai. 2022.

REBOUÇAS, M. S. S., & DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, 16(1), 19-28, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004>. Acessado em 06 mai. 2022.

ROCHA, M. C. Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. **Revista do NUFEN**, 3(1), 119-134, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100007>. Acessado em 06 mai. 2022.

ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RUDÁ, C.; COUTINHO, D.; ALMEIDA FILHO, N. Formação em psicologia: Uma análise curricular de cursos de graduação no Brasil. **Revista e-Curriculum**, 17(2), 419-440, 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/38570/29022>>. Acessado em 15 abr. 2022.

SOUZA, S., & FARIAS, A. D. Plantão psicológico: a urgência da acolhida. In: **Plantão psicológico: ressignificando o humano na experiência da escuta e do acolhimento**, 15-32, 2015.

TASSINARI, M. A., & DURANGE, W. Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. **Revista do NUFEN**, 3(1), 41-64, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100004>. Acessado em 06 mai. 2022.

VIEIRA, E. M., & BORIS, G. D. J. B. O plantão psicológico como possibilidade de interlocução da psicologia clínica com as políticas públicas. **Estudos e pesquisas em psicologia**, 12(3), 883-896, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300010>. Acessado em 06 mai. 2022.